

# I BE RO GRA FI AS

REVISTA  
DE ESTUDOS  
IBÉRICOS

N. 16  
2020



# I BE RO GRA FI AS

REVISTA  
DE ESTUDOS  
IBÉRICOS

N. 16  
2020



# FI CHATÉ C NI CA

## **Coordenação deste número**

Rui Jacinto  
Alexandra Isidro

**Apoio à Coordenação**  
Ana Margarida Proença

**Capa e conceção gráfica**  
Márcia Pires

**Impressão**  
Marques & Pereira, Lda

**Edição**  
Centro de Estudos Ibéricos  
Rua Soeiro Viegas, 8  
6300-758 Guarda  
cei@cei.pt  
www.cei.pt

**ISSN: 1646-2858**

**Depósito Legal:**

dezembro 2020

Os conteúdos, forma e opiniões expressos nos textos  
são da exclusiva responsabilidade dos autores.

# A MARCHA OBSCURA DA HISTÓRIA: “A FRANÇA EM QUESTÃO OU O FIM DA LIBERDADE COMO BOA CONSCIÊNCIA”

MARGARIDA CALAFATE RIBEIRO\*

“A História apoia-se na Cultura e a Cultura ilumina a marcha obscura da História.”

*Eduardo Lourenço*

*Ce passé colonial c'est le vôtre  
C'est vous qui avez choisi de lier votre histoire à la nôtre  
Maintenant vous devez assumer  
L'odeur du sang vous poursuit même si vous vous parfumez  
Nous les Arabes et les Noirs  
On est pas là par hasard  
Toute arrivée a son départ! (...)*

*Gardez pour vous votre illusion républicain  
De la douce France bafouée par l'immigration africaine  
Demandez aux tirailleurs sénégalais et aux harkis  
Qui a profité d' qui?  
La République n'est innocente que dans vos songes  
Et vous n'avez les mains blanches que de vos mensonges  
Nous les Arabes et les Noirs  
On est pas là par hasard  
Toute arrivée a son départ!<sup>1</sup>*

Kery James, « Lettre à la République »

\* Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra.

<sup>1</sup> Este artigo resulta do trabalho desenvolvido pelo projeto *MEMOIRS – Filhos de Império e Pós-memórias Europeias*, financiado pelo Conselho Europeu para a Investigação (ERC) no quadro do Horizonte 2020, programa para a investigação e inovação da União Europeia (contrato n.º 648624). Todas as citações do texto «A França em questão ou o fim da liberdade como boa consciência» são do *Jornal da Baía*, página 1 e 2, acervo de Eduardo Lourenço. Biblioteca Nacional, sob a direção de João Nuno Alçada. Carta do rappers français Kery James, “Lettre à la république” (2012). Disponível em: [https://www.google.com/search?q=lettre+%C3%A0+la+r%C3%A9publique+kery+james+paroles&rlz=1C1GGRV\\_eni-17511751&oq=Lettre+&aqs=chrome.1.69i57j69i59j0j46j0l2j69i61l2.3632j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8](https://www.google.com/search?q=lettre+%C3%A0+la+r%C3%A9publique+kery+james+paroles&rlz=1C1GGRV_eni-17511751&oq=Lettre+&aqs=chrome.1.69i57j69i59j0j46j0l2j69i61l2.3632j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8)

*Do Colonialismo como o nosso impensado*, de 2014<sup>2</sup>, reúne a maioria dos textos publicados e inéditos de Eduardo Lourenço relativos à análise da questão colonial portuguesa em toda a sua complexidade e escritos ao longo de mais de 50 anos. Muitos destes textos foram escritos na solidão da distância do auto-exílio, sem perspectiva de publicação, em particular, no Portugal ditatorial de Salazar. Transformaram-se em monólogos ou diálogos impossíveis com o ditador ou com os portugueses até verem a luz neste livro. Alguns são de facto premonições de alguém que não só analisa subtilmente a essência de Portugal, mas que também o estava a ver de fora e num contexto em que a referência europeia da liberdade na Europa, a França, se comprometia e dissolvia nas terras ensanguentadas da Guerra da Argélia. O fim de “une certaine idée de la France” estava ali anunciado, bem como o mito da pátria da liberdade e da democracia, pois bastava atravessar o Mediterrâneo para ver a liberdade e a democracia suspensas pelas ações da “terra da liberdade” contra a luta pela liberdade e a emancipação dos “outros”.

A publicação de alguns destes textos em Portugal surge depois do 25 de Abril de 1974 e o texto que marca de facto a análise, sempre subtil e profunda de Eduardo Lourenço, foi *Situação africana e consciência nacional* (1976)<sup>3</sup>. Trata-se de um texto que analisa o contexto português, mas que, na verdade, tem o fôlego de uma reflexão sobre a “inocência” colonial europeia, a partir das especificidades do colonialismo português, e sobre o acto colonial e os seus prolongamentos nas sociedades que o cometeram e naquelas que o sofreram, ou seja, nas sociedades europeias herdeiras da sua vocação colonial ultramarina e nas suas antigas colónias. Assim França quer dizer Argélia? Portugal quer dizer Angola e vice-versa? É aqui que entra o texto de Eduardo Lourenço com que pretendo dialogar ao longo deste ensaio – “A França em Questão – o fim da liberdade como boa-consciência”, publicado no *Jornal da Baía*, em 1958. Este é um dado fundamental para o meu argumento pois pretendo ler este texto não tanto a partir do complexo e rico diálogo que Eduardo Lourenço traça com a cultura francesa e a sua mitologia e com a Europa<sup>4</sup>, mas antes identificar o momento-chave em que o fim da liberdade e da boa-consciência francesa, analisado por Eduardo Lourenço neste ensaio, tem o seu ponto de não retorno. Na minha leitura ele situa-se na questão colonial e, tal como em “Situação Africana e Consciência Nacional”, que constituía uma análise

<sup>2</sup> Eduardo Lourenço, *Do Colonialismo como o nosso impensado*, Lisboa: Gradiva, 2014 (org. de Margarida Calafate Ribeiro e Roberto Vecchi). Ver Roberto Vecchi “Penser l'impensé: Portugal, et le futur antérieur du temps européen”, in Maria Graciete Besse (ed.) *Eduardo Lourenço et la passion de l'humain*, Paris, Sorbonne-Convivium Lusophone, 2013, pp.51-64.

<sup>3</sup> Publicado em Eduardo Lourenço, *Do Colonialismo como o nosso impensado*, Lisboa: Gradiva, 2014 (org. de Margarida Calafate Ribeiro e Roberto Vecchi), pp.109-155.

<sup>4</sup> Sobre isto ver entre outros o estudo de Maria Dulce Tavares Martinho, *A França na Reflexão de Eduardo Lourenço* (dissertação de mestrado apresentada à Universidade de Aveiro, 2009) e mais próximo da minha abordagem “Penser l'impensé: Portugal, et le futur antérieur du temps européen”, in Maria Graciete Besse (ed.) *Eduardo Lourenço et la passion de l'humain*, Paris, Sorbonne-Convivium Lusophone, 2013, pp.51-64.

do caso português passível de criar o enquadramento e a gramática de análise de qualquer contexto de relação metrópole-colónia, também aqui encontro, como aliás Eduardo Lourenço enuncia, a possibilidade de pensar a França pela Europa.

Como refere o ensaísta “A contradição entre a França metropolitana e a França colonial nunca foi integrada na mitologia nacional”<sup>5</sup>, ou seja, e poderíamos continuar a enumerar os vários países europeus que também nunca integraram nas suas histórias nacionais a sua vocação colonial e ampliar, dizendo desta contradição entre a Europa-continente e a Europa-das-colónias, cuja história nunca foi integrada na mitologia europeia. Eduardo Lourenço continua a sua arguta análise num momento em que assinala o fim desta situação pela reclamação ativa de emancipação e libertação dos povos colonizados. Este gesto, em si, coloca sob suspeita o esplendor humanista e pacífico de todo o teatro europeu:

“O fim da fase imperialista europeia, ilumina sem piedade alguma o que havia e há de violência, apenas coberta com o verniz do esplendor cultural, em toda a história europeia. Nem o manto tradicional de “cristã”, nem o manto moderno de “livre” que a França exemplificava, como ninguém mais, podem resistir à contradição visível entre essas mitologias e as violências históricas concretas que sempre com elas coexistiram. Enquanto a consciência histórica e sobretudo a fabricação da História, como imagem dessa consciência foram europeias (e predominantemente francesas) a contradição era assunto interno de europeus e o conhecimento dela contribuía até para acentuar e transformar a boa-consciência natural em boa-consciência absoluta. A Europa discute-se entre si, mas ninguém a discute. O mundo extra-europeu pensa-se com dificuldade a si próprio para poder servir de imagem à Europa que o ensina a ler. Num século tudo mudou. O espectáculo clássico do dilaceramento intra-europeu tem agora espectadores. O lugar da Europa no mundo vai-se, pouco a pouco, reduzindo à estrita dimensão física, começando o doloroso processo de adaptação da realidade presente à ficção da grandeza passada.”<sup>6</sup>

O ponto de não retorno está aqui suficientemente explícito e ele muda a narrativa, ou seja, chama-nos a atenção para o facto de que da mesma forma que a história dos países ex-colonizados não se reduz a um apêndice da história das antigas metrópoles colonizadoras, também a história da Europa não coincide com os seus limites territoriais e sentimentais literais. E na minha leitura esse ponto identificado por Eduardo Lourenço situa-se nas guerras coloniais protagonizadas pela França, logo a seguir ao final da Segunda Guerra Mundial, onde a França

<sup>5</sup> Eduardo Lourenço, «A França em questão ou o fim da liberdade como boa consciência», *Jornal da Bahia*, 28 e 30 de Outubro de 1958, Caderno 1, p. 2.

<sup>6</sup> Eduardo Lourenço, «A França em questão ou o fim da liberdade como boa consciência», *Jornal da Bahia*, 28 e 30 de Outubro de 1958, Caderno 1, p. 2.

perdeu todo o seu prestígio de nação central europeia. O primeiro sinal é dado na Indochina e atinge o seu pleno na questão da Argélia e na guerra que determinou a sua independência, só reconhecida pela França como guerra na Assembleia Nacional francesa em 1999, apesar dos acordos de Evian, que lhe põem fim, e que conduzem à independência da Argélia, terem sido assinados em 18 de Março de 1962.

“A democracia funciona mesmo particularmente bem até ao desastre de Dien-Bien-Phu. A data desta operação marca o momento primeiro da contradição grave entre a democracia interna e a guerra colonial. Um desastre não se pode esconder como uma lebre. O processo das responsabilidades começa. De um lado os Políticos cuja incompetência manifesta na questão da Indochina não é segredo para ninguém; do outro, os Militares acusados de má condução de uma guerra que a maioria considera absurda e mal conduzida politicamente. Porém superiores a uns e a outros são os “construtores do Império”, o escol colonial que prefere a guerra à perda dos seus privilégios. Vencido na Indochina reservará todo o poder já em declínio para se vingar na Argélia da humilhação dos arrozais do Vietnam. À sua sombra, mobilizando ou deixando-se manobrar por ele, encontra-se uma “direita” igualmente humilhada politicamente desde a Resistência. Consciente da grande oportunidade histórica que lhe é oferecida, apoiada num jogo de forças internacionais favorável irá reivindicar o poder efectivo que a “esquerda” dividida e paralisada pela presença do P.C. é incapaz de exercer sem ir de encontro à sua mais profunda mitologia. A revolta da Argélia vai mostrar essa evidência e conduzir o abcesso da política total da democracia francesa até ao seu ponto de saturação.”<sup>7</sup>

Dois espaços e duas vivências foram fundamentais para Eduardo Lourenço elaborar as suas lúcidas reflexões sobre a situação colonial europeia pós Segunda Guerra Mundial: o Brasil, onde esteve um ano a dar aulas de filosofia na Universidade da Baía e onde observou, por um lado, as condições efetivas de vivência e organização de um país herdeiro do colonialismo português e, por outro, a Europa à distância, num país que ia transferindo a sua referência mental de uma Europa em escombros no pós-guerra para a eminente potência que eram já os Estados Unidos; o outro lugar é França, o país que representava a utopia da liberdade na Europa para muitas gerações de portugueses e europeus e o país acolhedor do seu exílio da ditadura salazarista, mas que depois da guerra da Indochina (1946-1954), se explodia e explodia a Argélia, na guerra de independência (1954-1962), que mobilizou uma parte significativa da sociedade francesa metropolitana e cujo final praticamente coincide com o início das rebeliões em Angola, em 1961. Dois textos escritos nesta altura – entre 1958 e

<sup>7</sup> Eduardo Lourenço, «A França em questão ou o fim da liberdade como boa consciência», *Jornal da Bahia*, 28 e 30 de Outubro de 1958, Caderno 1, p. 2.

1960 – representam o alerta do fim iminente e sem retorno destes dois países europeus colonialistas envolvidos em longas guerras coloniais e ambos os textos tratam, de formas diversas e contextualmente diferentes, da análise da falácia das justificações que o alimentavam – a diferença lusotropical do colonialismo português em “Brasil: caução do colonialismo português”, publicado em 1960 em *Portugal Livre* no Brasil e, o que tenho vindo a citar, “A França em Questão o fim da liberdade como boa consciência”, publicado em 1958, também no Brasil. Ouçamos as palavras de Eduardo Lourenço numa entrevista, quando questionado sobre a sua breve estadia no Brasil e a sua importância para a sua reflexão sobre a questão colonial e a sua integração como matéria determinante na sua reflexão sobre Portugal:

“Curiosamente estamos nos anos 58-59 e esse é um momento em que no mundo, em todos os continentes, se verificava o fim das descolonizações. E evidentemente percebi que Portugal estava metido numa encruzilhada por estar à beira de um precipício num ponto de vista da perda dos interesses coloniais, uma vez que Angola e Moçambique caminhavam para uma emancipação inevitável. Mas em Portugal ninguém queria realmente saber disso. Foi aqui no Brasil que, paradoxalmente, comecei a interessar-me por este tema do império, da colonização, e no fundo foi aqui que nasceu a ideia de que não se podia ter uma leitura da história portuguesa, da cultura portuguesa, sem conhecer esta outra parte do que tinha sido o império português. Em última análise, portanto, todo o *arrière plan do Labirinto da Saudade* tem a ver com a minha estadia na Bahia [...]”<sup>8</sup>

O que une os dois textos para além das circunstâncias temporais que os determinam e que são decisivas – o fim iminente de dois impérios entregues a guerras anacrónicas – é a denúncia da boa consciência europeia, protagonizada de diferentes formas por estes dois colonizadores tão diferentes, mas ambos “inocentes” – um imerso numa ditadura fascista, outro uma democracia ocidental – Portugal e França. Mais cerebral a francesa, ancorada no valor da liberdade que levou ao mundo real e mitologicamente com a sua Revolução, os seus escritores, as suas ideias; mais terratenente e religiosa a portuguesa absolutizada na frase “Somos colonialistas como somos portugueses”, que depois se explica: “Desta imagem que foi sobretudo a nossa no Brasil jamais nos pudemos desfazer. (...) E desde então a imagem não mudou. Nem ela nem a inocência de estado dos portugueses, a quem Deus confiou os “pretos” de toda a Eternidade para lhes mudar a alma já que a pele é impossível. E tudo serve ao colonialista português para se sentir “inocente” (...) Mas chegou o tempo da maturidade africana

<sup>8</sup> Eduardo Lourenço, <https://www.eduardolourenco.com/biografia/1958-Brasil.html>. In “A Miragem Brasileira” entrevista por Rui Moreira Leite, cf. *Colóquio/Letras* “Eduardo Lourenço - uma ideia do mundo”, nº171, Maio/Agosto 2009, pp. 296 e sgs.

e do nosso despertar. Nenhum sofisma, nenhuma “Comemoração Henriquina” em escala mundial, nenhum sociólogo da mestiçagem como Gilberto Freyre e as suas burlescas invenções de erotismo serôdio, nenhum sorriso Kubitschek podem tirar dos ombros do português, tranquilamente paternalista e fanfarrão, o dever de despertar para os seus deveres e seus atrasos.”<sup>9</sup>

Exposto aos seus olhos e aos dos outros não é apenas o império francês que se desfaz nos arrozais da Indochina, no calor da Argélia e, em breve, nos matos de Angola, Moçambique e da Guiné-Bissau, para o império português. Apesar da distância destas guerras nas colónias, elas punham em causa praticamente tudo. Elas desvendavam sem piedade alguma, e a todos os seus protagonistas o que havia e o que há de violência em toda a história europeia, apenas coberta por uma mitologia de civilização cem vezes glosada e invisibilizada com o verniz do esplendor cultural. O negativo da história europeia fica exposto sem qualquer possibilidade de sobrevivência objetiva que não seja pela negação e por um discurso entregue à ficção, em que realidade e auto-representação não devem coincidir. É portanto toda a arquitetura da vida política francesa nos moldes da democracia parlamentar que revela a sua impotência e, no limite, a sua inoperância.

“Quando a linguagem da Democracia é a mesma que a do Colonialismo mais impenitente, a democracia está a mais. Soou a hora do colono. Ou como ele não é suficientemente forte, a do Exército sob o qual se abriga, jogando a carta de um imaculado patriotismo. Assim chegam todos os “13 de Maio”. O de Argel não foi sequer uma revolta, nem um pronunciamento. Foi a conclusão de um silogismo histórico.”<sup>10</sup>

No início das guerras coloniais, que são já o início de um longo processo de descolonização, Eduardo Lourenço, longe de Portugal e longe de França, observando de fora, que é como se vê melhor mesmo o que nos é mais íntimo, propõe-nos uma análise da história e da situação então contemporânea pelo avesso da história, ou seja, não pela história e as heranças culturais que definiram a Europa e a cultura europeia no seu esplendor, mas pela parte da história das nações europeias de vocação imperial ultramarina que construíram uma boa parte das suas histórias fora da Europa, nos seus impérios. Quando vista do exterior, esta é a história da pulsão imperialista que define não apenas Portugal e a França, mas a Europa como o Ocidente, por oposição ao Oriente, ao Islão. A história que geopoliticamente estrutura a Europa, lhe dá sentido e que a projetou a nível planetário, mas que raramente a Europa reconhece como sua. É essa história que no pós Segunda Guerra Mundial nos bate à porta e que Balandier identifica como a “urgência do problema colonial”. Eduardo Lourenço identifica-a precocemente a partir do Brasil

<sup>9</sup> Eduardo Lourenço, *Do Colonialismo como o nosso impensado*, Lisboa: Gradiva, 2014, pp. 35 e 37.

<sup>10</sup> Eduardo Lourenço, «A França em questão ou o fim da liberdade como boa consciência», *Jornal da Bahia*, 28 e 30 de Outubro de 1958, Caderno 1, p. 2

nos dois textos evocados e esta é uma meditação decisiva no seu pensamento e que passará a integrar a sua reflexão não só sobre Portugal, mas também sobre a ainda luminosa e excepcional França. Terá sido essa exceção, esta aura tão bem dissecada por Eduardo Lourenço neste texto, uma aura mais cultural ou até histórica, do que política, que terá ainda permitido sentar o General De Gaulle na mesa das negociações dos vencedores na Segunda Guerra Mundial. E Eduardo Lourenço é claro na sua mensagem, escrita neste texto de 1958:

Mesmo na indigência histórica mais lamentável, um Charles de Gaulle sem nome pôde obrigar os grandes do momento a dar-lhe um lugar à mesa de uma guerra perdida. Na aparência, pelo menos, este excepcional estatuto aproxima-se do fim.<sup>11</sup>

Terá sido esta exceção (esta aura ou esta miopia), que permitiu definir estes anos de guerras coloniais e de fim de impérios, como as “Trente Glorieuses” (1945-1975) em França, evocando assim o crescimento económico, o desenvolvimento social e o bem-estar. Ao mesmo tempo esta mesma França desfazia-se na sua essência nas colónias e estas mesmas colónias ofereceriam a força de trabalho para esta glória, sujeitos colonizados ou ex-colonizados, novamente invisíveis, desprovidos de história e agora definidos como “emigrantes”, ao lado dos portugueses, dos italianos ou dos espanhóis que, com eles, construíram estas décadas gloriosas a partir de baixo. Como dizia Marguerite Duras o olhar europeu sobre o Sul é sempre um olhar colonial.

Albert Camus e Marguerite Duras inscreveram na literatura francesa o que era a colónia e o colonialismo a partir das suas vivências na colónia como “petit blanc”. Marguerite Duras a partir da Indochina francesa em *Un barrage contre le Pacifique*, de 1950, Albert Camus a partir da sua Argélia natal, onde seria sempre “estrangeiro”. Sartre e Beauvoir, franceses sem vivência do mundo colonial, tardiamente tomariam posição na sua militância pelo Terceiro Mundo, ainda que Beauvoir pontue o seu diário da incomodidade de ser francesa nesta situação, até transformarem a guerra da Argélia na sua guerra, com uma grande proximidade de muitos anti-colonialistas e grande visibilidade mediática. Eduardo Lourenço estaria próximo destes textos e de outros franceses que, nem sempre explicitamente, se manifestavam; talvez não tanto das publicações de “Présence Africaine”, dos grandes pensadores negros das Antilhas, com Aimé Césaire, com “Culture et Colonisation”, de 1956, Franz Fanon, com “Racisme et Culture”, de 1957, ou do tunisino Albert Memmi, *Portrait du Colonisé précédé de Portrait du Colonisateur*, publicado também em 1957, com prefácio de Jean-Paul Sartre. Eram textos de intensa circulação em determinados círculos, todos

<sup>11</sup> Eduardo Lourenço, «A França em questão ou o fim da liberdade como boa consciência», *Jornal da Bahia*, 28 e 30 de Outubro de 1958, Caderno 1, p. 1.

publicados ou proferidos em plena guerra da Argélia e escritos por homens de cultura francesa, que colocavam o centro da sua identidade e da sua luta na terra colonizada que os viu nascer e que reclamavam a recuperação da iniciativa histórica que tinha sido retirada aos povos colonizados. Na sua potência política inscrevem na língua francesa a diferença cultural que a prazo reclamaria a independência política. E, por isso, eram também textos de diálogo, produto da heterogeneidade da cultura de língua francesa, que colocava sob suspeita o discurso do estado-nação, que até então, os excluía como sujeitos e agentes da história. Eram textos que acreditavam ainda nessa aura francesa capaz de, pelo diálogo, recuperar a história e os tornar sujeitos do seu próprio destino e da sua própria história.

A partir de França, da experiência do Brasil e antecipando Portugal, Eduardo Lourenço traz para a cena da sua profunda reflexão, não apenas “o problema colonial na sua totalidade” (e não seria pouco) como um problema do Sul, mas como um problema europeu na sua essência de continente colonizador, antecipando o que Paul Gilroy iria cunhar como Melancolia Pós-colonial. O que está em causa no texto de Eduardo Lourenço “A França em questão ou o fim da liberdade como boa consciência” não é apenas, e também não seria pouco, todo o drama humano gerado pelo colonialismo, pelas guerras, insurreições e assassinatos que lhe puseram fim, mas a continuação da elaboração mitológica que tinha constituído o discurso da boa consciência e da modernidade europeia, de que durante séculos a França era a luz e farol e que agora mostrava o seu rosto oculto e monstruoso e a violência das suas práticas, perante um povo em luta pela sua liberdade. Não se trata é claro de um contra-discurso filosófico da modernidade europeia, para o qual não havia ainda as condições para um debate internacional, mas de uma arguta consciência do ocaso da história da colonização moderna francesa, sem se saber ainda o quanto deste fim continha já o princípio de outras narrativas da “República”:

“Quando chegou a hora decisiva a coragem faltou para defender na rua uma República que consentira em empregar os métodos do inimigo: controle da rádio, censura dos jornais, apreensão de livros por motivos políticos, incapacidade de fazer funcionar democraticamente a justiça. Tudo isto foi uma pálida sombra se os compararmos com os actos que nos governos autoritários têm o mesmo significado, mas foi suficiente para dar má-consciência a um povo habituado ao exercício luminoso da frágil Liberdade.”<sup>12</sup>

As “heranças vivas” deste longo momento histórico que foi o colonialismo e a que as guerras coloniais, dariam o rosto de ferida aberta sem hipótese de

<sup>12</sup> Eduardo Lourenço, «A França em questão ou o fim da liberdade como boa consciência», *Jornal da Bahia*, 28 e 30 de Outubro de 1958, Caderno 1, p.2.

cicatrização nas gerações que as protagonizaram, transformaram a Argélia numa “coisa mental”, sua e francesa e assim a transmitiriam para as gerações seguintes, aquelas que hoje interpelam a Europa, a França e a “République”, como espaço de continuada exclusão. Argel foi talvez e, para retomar as palavras de Eduardo Lourenço, “a conclusão de um silogismo histórico”, mas não do fim do difícil convívio entre democracia e colonialismo, que Argel assinala sem retorno. Uma só coisa é simultaneamente definitiva e insuportável: “o mito da Liberdade perdeu a sua secular boa-consciência”<sup>13</sup>.

Mais de 50 anos passados sobre o fim da Guerra da Argélia e das independências em geral o que vemos hoje na França que nos é contemporânea não é o regresso do passado colonial, mas o início do debate entre este tempo marcado pela dominação colonial e as relações sociais contemporâneas em sociedades herdeiras desses passados coloniais na Europa, como Eduardo Lourenço cedo intuiu. Sejam debates sobre a continuidade de um olhar colonial europeu, sobre o reconhecimento público da memória da escravatura, do colonialismo e das guerras coloniais e dos seus atores, sobre o racismo, sobre a religião e Islão na Europa, ou sobre o drama dos refugiados no Mediterrâneo, é sempre o peso da história colonial francesa e europeia que é questionado, medido, aferido. Protagonizados pelas gerações seguintes, ou seja, pelos herdeiros desse passado colonial europeu, a maioria das vezes sem memória própria desse tempo que já não viveram, estes são os debates e são eles que hoje tomam a palavra. A luta que Aimé Césaire, Franz Fanon, Patrice Lumumba, Amílcar Cabral e tantos outros encetaram, continua. É ainda, de outra maneira, com novos rostos, a mesma luta. Em 2005, é Achille Mbembe que retoma a questão:

Pourquoi, en ce siècle dit de l'unification du monde sous l'emprise de la globalisation des marchés financiers, des flux culturels et du brassage des populations, la France s'obstine-t-elle à ne pas penser de manière critique la postcolonie, c'est-à-dire, en dernière analyse, l'histoire de sa présence au monde et l'histoire de la présence du monde en son sein aussi bien avant, pendant, qu'après l'Empire colonial ? Quelles sont les conditions intellectuelles qui pourraient faire en sorte que le vieil universalisme à la française fasse place à une véritable démocratie cosmopolite capable de poser en des termes inédits, et pour le compte du monde dans son ensemble, la question de la politique de l'avenir ou, pour le dire autrement, de la «démocratie à venir»?<sup>14</sup>

Em “Lettre à la republique”, o rapper Kery James, assinala o impasse, ao mesmo tempo que assinala a *Cultura a iluminar a marcha obscura da História*:

<sup>13</sup> Eduardo Lourenço, «A França em questão ou o fim da liberdade como boa consciência», *Jornal da Bahia*, 28 e 30 de Outubro de 1958, Caderno 1, p. 2.

<sup>14</sup> Achille Mbembe, “La République et l'impensé de la «race»”, in Nicolas Bancel éd., *La fracture coloniale. La société française au prisme de l'héritage colonial*, La Découverte, 2005, p. 137 (pp. 137-153).

*Gardez pour vous votre illusion républicaine  
De la douce France bafouée par l'immigration africaine  
Demandez aux tirailleurs sénégalais et aux harkis  
Qui a profité d' qui?  
La République n'est innocente que dans vos songes  
Et vous n'avez les mains blanches que de vos mensonges  
Nous les Arabes et les Noirs  
On est pas là par hasard  
Toute arrivée a son départ!*

Hoje, como no tempo contemporâneo de Eduardo Lourenço na Europa e pela Europa.